

ARTES VISUAIS

Carta náutica

Luiza Baldan expõe série de fotografuras e instalação realizadas a partir de expedição na Baía de Guanabara



TEMPO EM SUSPENSÃO Intervalo entre as correntes de marés inspira novo trabalho da fotógrafa Luiza Baldan

Paula Alzugaray

🕒 17.02.17 - 18h00

Luiza Baldan, 37, é uma artista de imersões em projetos de longa duração. Para a realização de "Estofo", série que compõe sua primeira individual em uma galeria comercial no Brasil, ela navegou pela Baía da Guanabara durante nove meses a bordo de um barco que monitora lixo flutuante. "Duas vezes por semana, o mesmo roteiro", escreve a artista em texto que integra a exposição, exibido ao lado de uma carta náutica dos terminais da baía. "A luz muda, o lixo muda e a paisagem recorrente ganha novas nuances". De fato, tudo isso está descrito na superfície prateada das fotografuras em preto-e-branco de Baldan. Mas ao navegar munida de câmera e de caderneta de anotações, a artista manifesta a paixão do documentarista e revive o modelo das expedições artísticas, ou científicas.

Ao torpor diante dos depósitos ilegais de metais pesados na Ilha de Pombeba corresponderia a ameaça ao navegante incauto do século XVI, ao atracar em sítios clandestinos de traficantes de armas e pólvora, nos fundos da baía. "Embarquei pela primeira vez na Baía de Guanabara 456 anos depois que o então governador geral do Brasil, Mem de Sá, expulsou dali os franceses", anota a artista.



Assim como as correntes das marés se chocam durante as tempestades, o presente e o passado da baía se encontram no clique fotográfico de Luiza Baldan. Mas estofo, título do projeto, em linguagem náutica significa intervalo de tempo onde não há corrente de maré. O estado de suspensão — do tempo ou do movimento — é, portanto, a tônica dominante das imagens, realizadas com câmeras digitais, celular e técnicas fotográficas antigas: câmera analógica ou pinhole.

Baldan pertence a uma geração de artistas que encontra sua identidade no deslocamento. Já realizou projetos não apenas em zonas diversas do Rio de Janeiro, como em outras cidades e países, muitas vezes em residências artísticas. Oferecidas em instituições de arte de todo o mundo, as residências hoje são uma realidade quase mais habitual que o sedentarismo da vida dentro de ateliês.



As viagens para a série "Estofo" começaram há dois anos. Mas os vínculos com a paisagem remontam há mais tempo: em 2011, a artista se engajou em movimento pela reativação do farol da Ilha de Paquetá. No ano passado, publicou em parceria com Jonal Arrabal o livro "Derivadores" (Automática Edições). Este é o nome dado às boias oceânicas rastreadas. Para o projeto, elas foram adaptadas pela dupla de artistas para

funcionar como câmeras pinhole.